

## PAISAGENS DE MATO-GROSSO

Desenhos de  
PIERRE DEFFONTAINES

Apresentação de  
AROLDO DE AZEVEDO

Dentro dêsse verdadeiro "continente", que é o Brasil, Mato-Grosso aparece como se lóra um "país", pois abarca uma área territorial correspondente a 15% do total brasileiro. Com seus 1 254 821 km<sup>2</sup> de terras, Mato-Grosso é comparável, em extensão, à União Sul-Africana, a Angola ou ao Perú, maior que a Colômbia ou a Bolívia, quase duas vezes e meia mais extenso que a França, cinco vezes a Grã-Bretanha, podendo conter folgadoamente 13 países do tamanho de Portugal.

Tudo é grande em Mato-Grosso, até mesmo o homem (tão pequeno pelo número, pois não chega a 600 000 sua população absoluta e é de apenas 0,5 habitante por km<sup>2</sup> sua densidade demográfica), porque não pode deixar de ser considerado grande quem consegue pontilhar, com sua luta e sua presença, as infinitas solidões daquele território imenso. Tudo é grande e essa grandeza faz-se sentir na própria paisagem, já que imensos são os "quadros" regionais e extraordinariamente amplos os elementos que acabam por constituir o "mosaico" de suas paisagens variadas.

Essa é, pelo menos, a impressão de quem o percorre pelas vias terrestres e fluviais ou o contempla das alturas. Centro geográfico da América do Sul, ponto de encontro das duas maiores bacias fluviais de nosso continente, Mato-Grosso longe está de oferecer a uniformidade ou monotonia de aspectos da Amazônia. Muito pelo contrário, caracteriza-se pelos grandes contrastes, se bem que, para senti-los e compreendê-los, seja necessário encará-lo à luz de sua enorme extensão. Com efeito, os estudos microgeográficos perdem seu significado quando se procura interpretar a paisagem matogrossense, são as visões panorâmicas, amplas e desmedidas, que precisam ser utilizadas caso desejemos descobrir os contrastes que se escondem sob a capa de uma aparente uniformidade.

Os contrastes aparecem nas grandes unidades do relêvo, entre os planaltos sedimentares e essa vasta e impressionante concha, que

é o Pantanal; entre a tabularidade dos chapadões e as escarpas que os delimitam ou a asperza dos velhos maciços residuais. Contraste existe na cobertura vegetal, se pudermos saltar do Mato-Grosso amazônico, domínio da Hilécia, para o complexo botânico do Pantanal ou para os domínios infundáveis dos "cerrados". Basta visitar as cidades matogrossenses para compreendermos que diferentes foram suas origens, cheia de contrastes sua evolução: lá estão as pacatas e venerandas cidades setecentistas, nascidas em torno de arraiais da mineração ou como sentinelas avançadas da América Portuguesa — Cuiabá ou Poconé, Corumbá ou Cáceres, inteiramente diversas em sua fisionomia ou em sua vida urbana daquelas que têm apenas algumas dezenas de anos, frutos do avanço da via-férrea — como Campo Grande (cujo dinamismo faz-nos pensar nas movimentadas cidades do Oeste paulista), ou nascidas em torno de "corrutelas" da área diamantífera — como Guiratinga e Poxoreu. E se atentarmos para outros aspectos da paisagem matogrossense, novos contrastes descobriremos: são os ervais do Sul, são os canaviais de Leverger; é a paisagem caótica dos garimpos, são o gado e as pastagens infinitas desse intrincado dedalo de terras e de águas que se misturam — o Pantanal.

A excursão realizada ao Centro-Oeste, poucos dias antes de iniciar-se o XVIII Congresso Internacional de Geografia, mostrou, a uma parcela dos geógrafos estrangeiros que nos visitaram, esses e muitos outros contrastes que Mato-Grosso oferece aos olhos de quem sabe usá-los. Entre eles encontrava-se, para felicidade nossa, o prof. PIERRE DEFFONTAINES, fundador e primeiro presidente da A. G. B., atualmente na direção do Instituto Francês de Barcelona. Ao seu espírito de observador arguto e de geógrafo experimentado, aliado às suas admiráveis qualidades de artista, devemos uma série de desenhos, feitos por ocasião dessa viagem, nos quais conseguiu fixar para sempre, aspectos marcantes e expressivos da paisagem matogrossense.

Por especial gentileza do Mestre que todos admiramos, o *Boletim Paulista de Geografia* tem o privilégio de publicar, em primeira mão, uma simples amostra de sua belíssima coleção. É o que aparece nas páginas a seguir. São desenhos que falam por si mesmos, tanto de aspectos típicos de Mato-Grosso (que soube tão bem provocar as reações do geógrafo), como do artista que os interpretou de maneira magistral.

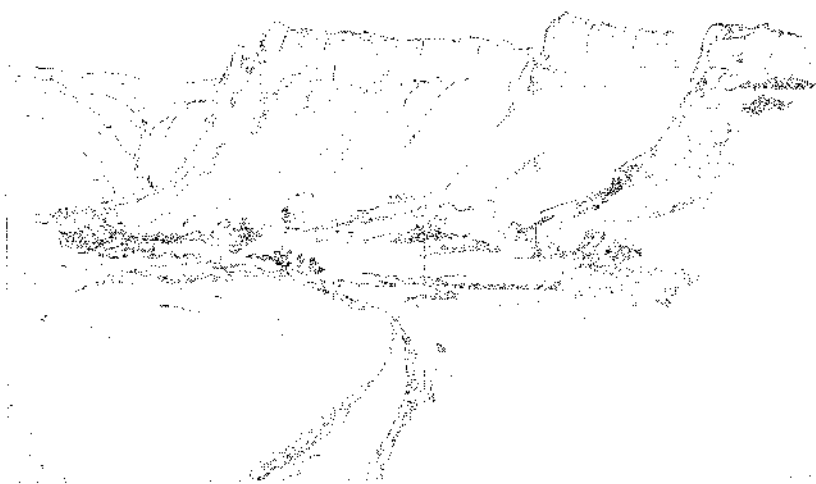


Fig. n.º 1 — *A Chapada do Guimarães* — A cerca de 50 km a Leste da cidade de Cuiabá erguem-se as escarpas alcantiladas que constituem o rebordo do grande planalto cretáceo de Mato-Grosso (Desenho de P. Deffontaines — Julho de 1956).

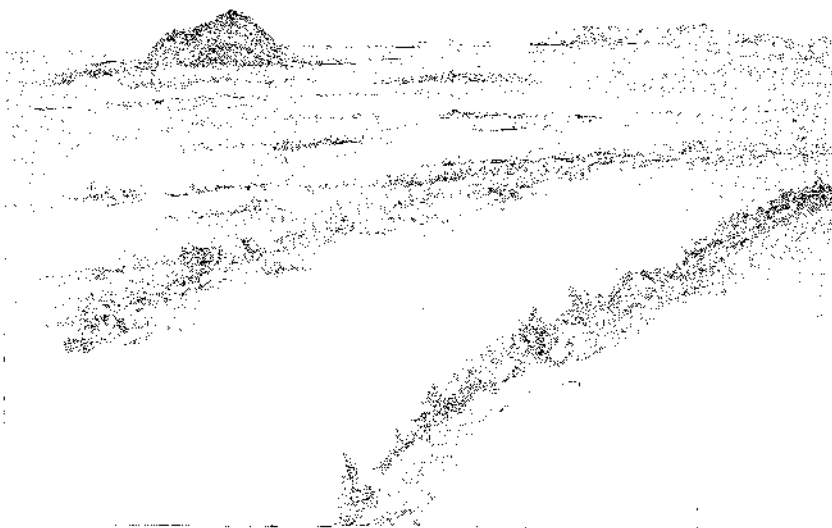


Fig. n.º 2 — *Uma visão do Pantanal* — Vista da grande planície aluvial tomada da usina siderúrgica de Corumbá, destacando-se à esquerda o morro do Sargento (Desenho de P. Deffontaines — Julho de 1956).



Fig. n.º 3 - *Habitação do Pontonal* - Pequena sede de fazenda construída sobre estacas, próximo à margem direita do rio Paraguai, a cerca de 30 km a jusante de Corumbá. (Desenho de P. Deffontaine - Julho de 1956).

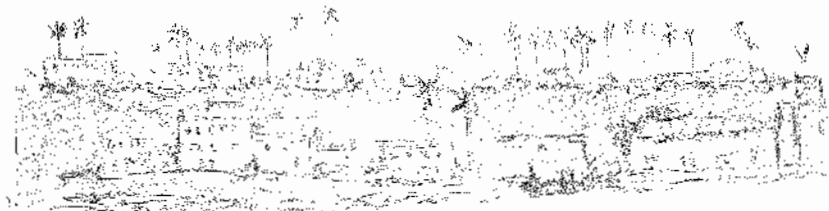


Fig. n.º 4 -- *Corumbá e o rio Paraguai* -- A velha cidade de Corumbá nasceu de um posto militar, sentinela avançada da América Portuguesa no século XVIII. Assentou-se em dois níveis bem caracterizados à margem esquerda do rio Paraguai, não longe da fronteira com a Bolívia. Sobre as águas fluviais, no primeiro plano, vê-se um "cumbote" ou ilha flutuante. (Desenho de P. Deffontaine - Agosto de 1956).

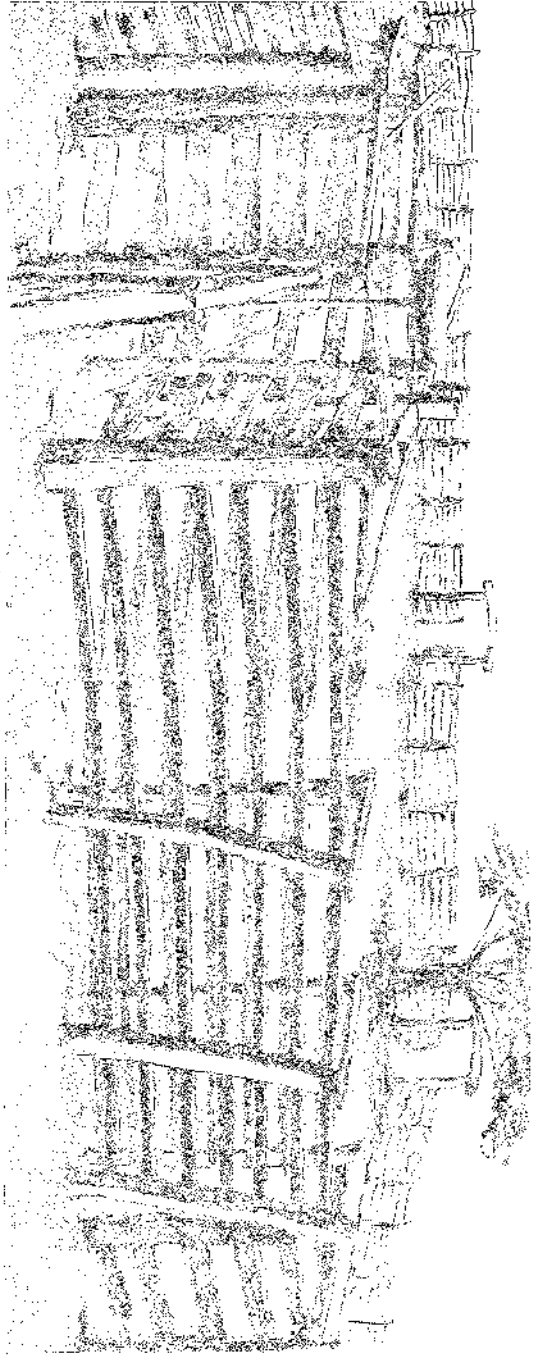


Fig. n.º 5. — *Um curral ou "mangueira"* — Típiase de um elemento típico da área pastoril de Mato Grosso, focalizado na "Fazenda de Água Boa", município de Maracaju; (Desenho de P. DeFontaines — Julho de 1956).



Fig. n.º 6 — Cuiabá, capital de Mato Grosso — Aspecto do crecho principal da velha cidade mato-grossense — arraial de mineradores do ouro por volta de 1719, Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1727 — tomado da colina em que se ergue a igreja do Rosário, junto ao local de sua origem. Por entre as numerosas palmeiras imperiais destacam-se, ao centro, as torres da Catedral metropolitana (Desenho de P. Deffontaine — Julho de 1956).



Fig. n.º 7 — Uma rua de Cuiabá — Velha rua pavimentada com blocos de pedra, ao longo da qual se erguem habitações com típicos beirais (Desenho de P. Deffontaine — Julho de 1956).